

# STAR CRAFT

HEART OF THE SWARM



**BILZARD**  
ENTERTAINMENT

BLIZZARD ENTERTAINMENT

# A Saída

*por Danny McAleese*

— Ouviu isso? Eles estão dentro da parede.

Os estrondos metálicos eram quase inaudíveis em meio ao gemido do vento, mas não havia como confundi-los. Os quatro homens à mesa se aproximaram uns dos outros — nem tanto por medo, mas para se aquecer.

— Você acha? — perguntou Prescott, nem sequer tentando esconder o nervosismo em sua voz. — Quer dizer, as paredes, elas são tão grossas. Não achava que...

— Calaboca! — rosou Garrick, abrindo a carta seguinte. — Ele tá zoando com a sua cara.

— Então lançou um olhar malicioso para o companheiro do outro lado da mesa, acompanhado de um sorriso mordaz. — Ou não?

Eles gostavam de assustá-lo, percebeu Charn. E se divertiam muito. Ver o sangue fugir das faces de Prescott era infinitamente mais divertido que qualquer coisa que tivessem feito nos últimos seis dias, especialmente que jogar cartas.

— Se eles estiverem dentro das paredes, é o fim — declarou Kort, fingindo um suspiro exageradamente resignado. — Eles vão mascar os cabos de força e nós morreremos congelados nessa espelunca.

Garrick puxou mais uma carta. — Que nada — discordou. — Eles vão chegar aqui bem antes de congelarmos. Nós somos a maior fonte de calor em 20 quilômetros. Os insetos vão roer tudo para chegar aqui antes de irem a qualquer outro lugar, aí já era.

Se o velho soldado tinha razão a respeito de algo, era o frio cortante. Seis horas antes, a fornalha finalmente esmorecera, e, apesar de terem encontrado muitas coisas na velha casamata, não havia combustível entre elas. Os condutores geotermiais espalhados pelo piso eram a única fonte de calor que tinham, mas era abissalmente inadequada.

— Eles não podem ter chegado aqui ainda — ponderou Prescott. — O fantasma teria visto. Ele nos teria avisado, e nós estaríamos longe daqui.

A segunda rodada de cartas foi distribuída. Kort limpou a mesa: seis arruelas grandes, dez pequenas e algumas peças de dominó lascadas. Na véspera, eles apostaram refeições e chuveiros sônicos, mas, à altura em que estavam, seus futuros tornaram-se intangíveis demais. Uma pena não haver dominós suficientes para jogar de verdade, pensou Charn. Seria uma mudança bem-vinda.

— Talvez o barulho que ouvimos fosse *ele* — disse esperançosamente Prescott. — Talvez ele esteja se preparando para ligar.

— Talvez ele esteja morto — respondeu Kort, cortando o soldado mais jovem. Um silêncio desconfortável se instaurou. As palavras do veterano traduziram o que todos pensavam mas ninguém queria dizer.

— E-eu acho...

— Ninguém dá a mínima pro que você acha — interrompeu-o Garrick. — Não tem evacuação nenhuma a caminho. Se o pessoal das operações especiais tiver caído fora, estamos sozinhos. Ninguém mais sabe que estamos aqui.

Ele devia estar certo, pensou Charn. As ordens eram claras: eles ficariam no abrigo do complexo abandonado até os zergs serem avistados. Nesse momento, o fantasma da unidade convocaria um ataque tático de precisão e, em seguida, solicitaria a evacuação pelo rádio.

Em outras palavras, eles eram *iscas*.

Charn não estava mais feliz que os outros, mas era sua primeira missão. Seu primeiro desembarque. Ele não pretendia ser insubordinado ou desobedecer às ordens, a menos que não tivesse escolha.

O único problema era o fantasma. O contato com ele fora perdido 26 horas antes. Diabo, eles nem sequer o *viram* durante toda a missão. Era apenas uma voz entrecortada do outro lado da linha de um comunicador surrado. Agora, até mesmo sua voz convertera-se em um silêncio perturbador.

Para piorar, o fantasma também era o único que tinha os códigos de transmissão da evacuação.

— Tente mais uma vez — disse Charn a Garrick. — Chame-o em todas as frequências.

— Você acha que ainda não tentei isso? — retorquiu desdenhosamente o soldado. — Nada além de estática.

— Então nós temos que ir atrás dele — respondeu Charn.

Kort e Garrick entreolharam-se e, sem dizer nada, compartilharam uma ideia. Charn sabia que os dois soldados tinham vasta experiência em ação, algo que ele respeitava. Juntos, eles estiveram em lugares e fizeram coisas que Charn esperava poder vivenciar. Era por isso que se alistara.

Por um longo momento, ninguém disse nada.

— *Um* de nós vai — asseverou Kort, rompendo o silêncio como se estivesse no comando. Ele não estava. A bem da verdade, ninguém estava, não desde que o cabo desaparecera.

Prescott estava confuso: — Um de *nós*?

Garrick balançou a cabeça lentamente, concordando. — O novato tem razão.

— Quem...

— Vamos jogar para decidir — disse Garrick, recolhendo as cartas.

O complexo não era enorme, mas era grande o suficiente. O fantasma se entocara na torre sul, observando o horizonte. Não havia forma de chegar lá sem cruzar o pátio, e todos sabiam que ele estaria escuro, imenso, frio como a morte.

Charn observou o soldado robusto embaralhar as cartas gastas que os mantiveram entretidos na maior parte da semana anterior. As mãos largas deslizaram agilmente sobre a mesa para dar as cartas, as costas dos dedos cobertas de cicatrizes.

— A menor mão vai — confirmou o veterano. — Nada de segunda chance, sem "melhor de três". O sortudo vai, volta, e aí nós decidimos o que fazer. Fechado?

Todos aquiesceram. Prescott foi o último. Não havia nada mais a ser dito. Charn observou os outros pegarem as cartas antes de tocar nas suas.

Duas damas. Uma mão alta. Enorme.

— Três — declarou Charn, empurrando o restantes das cartas fechadas. Todos também descartaram três, com exceção de Prescott. Após alguns instantes de hesitação, o jovem soldado virou uma única carta.

— Você só precisa de uma? — indagou Garrick. Prescott fez que sim, quase como que se desculpando. Garrick encolheu os ombros e distribuiu o restante da mão. Todos apanharam as cartas.

— Você primeiro — disse Kort, olhando diretamente para Charn. Em seguida, ele virou a cabeça e cuspiu no chão.

Mudo, Charn abriu as três damas na mesa. Garrick soltou um assovio.

— Droga. Você tem sorte, novato. Acho que não é *você* quem vai.

— Nem eu — disse Kort, virando a mão para revelar um par de valetes. — Graças a Deus, porque eu já estou morrendo de frio.

Todos se voltaram para Garrick. De propósito, ele os fez esperar longos segundos, tudo para causar um efeito. — Par de nozes — anunciou, enfim. Então, de maneira mais convincente, o soldado abriu as cartas sobre a mesa gélida de metal.

Era a vez de Prescott, que se mexia desconfortavelmente na cadeira. Olhava das cartas em sua mão para as dos outros jogadores como se buscasse uma solução. Por fim, acanhado, estendeu as cartas para que todos pudessem ver.

— Você não tem nada — disse Kort, examinando a mão. — Só um ás.

Garrick tomou as cartas de Prescott e as deitou sobre a mesa. — O que diabos você estava tentando fazer? Outro inside straight? — Ele empurrou as cartas do jovem recruta com o dedo grosso. — Você não esqueceu que esse baralho tinha um rei a menos quando nós o achamos, esqueceu? Que idiota.

Prescott ainda não dissera nada. Com os ombros encolhidos, ele sacudia lentamente a cabeça. Em um gesto fútil de rendição, ergueu as duas mãos com as palmas abertas e os dedos estendidos.

— Bem, melhor se preparar — disse Garrick, estendendo as mãos para recolher as cartas.

De repente, a mão de Charn agarrou o pulso de Garrick e o segurou. — Um instantinho.

Irritado, o soldado agitou o braço como se algo o tivesse ferido. Charn o soltou e fez um sinal para as cartas diante dele. — Parece que você tem dois noves de ouros.

Todos os olhos se voltaram para a mão de Garrick. Era verdade.

Kort irrompeu em gargalhadas. — Nossa, cara! De onde você tirou *isso*? Todas as viagens sem volta... em todas as vezes que tiramos no palito, eu sempre achei que você estava jogando limpo! — Ele continuava a gargalhar, segurando a carta ilícita entre os dedos. Além de vir de outro baralho, seu verso era de uma cor completamente diferente.

— Cala a boca! — explodiu Garrick, as palavras encharcadas de veneno. Seu olhar fulminou Charn. — O cabaço aqui tem três damas. Que gracinha. As únicas que ele já viu *na vida*.

De repente, Garrick ergueu seus dois metros de altura. Batendo violentamente uma bota sobre a mesa, ele arregaçou a calça rasgada até o joelho para revelar uma cicatriz horrível, áspera, que comia metade de sua panturrilha.

— Tá vendo isso? — disse, apontando. — Foi bem aí que uma rainha zerg quase arrancou minha perna em Revera. Perdi oitocentos irmãos nesse dia, seiscentos no seguinte.

Agora todos estavam de pé, mas ninguém disse nada. Prescott mantinha os olhos fixos no chão. Kort ainda sorria.

— E isso — disse Garrick, atirando para trás uma mecha do cabelo negro imundo — foi bem aí que um tiro abriu uma rachadura no meu crânio. — Ele correu o dedo pela ferida, esmiuçando-a obscenamente. — Fogo amigo. Esse dia foi massa.

Charn permaneceu imóvel, mas Prescott tentou recuar. Garrick puxou seu ombro e ficaram cara a cara, com os dentes amarelados a apenas alguns centímetros do nariz do jovem quando os lábios se contorceram em escárnio:

— Você vai *do mesmo jeito* — disse ele. — Isso não mudou nada. Eu já fiz minha parte, dediquei meu tempo. Estou ficando velho demais para esse tipo de coisa. Agora é a sua vez.

Devagar, Garrick soltou o outro. Prescott desabou na cadeira absolutamente derrotado. Nas condições em que estava, era óbvio que ele não iria a lugar nenhum.

— Eu vou — disse Charn com facilidade. Nem parecia que as palavras vinham dele.

Kort virou-se para fitá-lo com curiosidade, como se o visse pela primeira vez. — Vai? Tem certeza?

— Absoluta. — Charn assentiu, mais para se convencer. — Cansei de ficar aqui sentado. Vamos acabar com isso.

\*\*\*

A armadura de combate era tão pesada quanto velha. Tinham encontrado o peitoral no armorial da casamata e as perneiras, em um armário perto das portas pressurizadas. Era um modelo antigo, sem alimentação, dos que se prendiam ao corpo por correias, e, apesar de frio como gelo sobre a pele de Charn, ele ajudaria a protegê-lo do vento.

As botas e luvas desapareceram havia muito. Por pouco Charn não saiu sem proteção para a cabeça. — Toma — disse Kort enquanto ele se afastava, atirando o capacete sem visor. — Corajoso é uma coisa. Idiota, outra. — Com essas palavras, o soldado desapareceu sob a marquise e voltou para dentro.

Fora da casamata, no entanto, a força do vento era considerável. Charn teve que inclinar o corpo o máximo possível para não cair. Os outros dois encolhiam-se sob o que restava da marquise, esperando desesperados para voltar para dentro.

— A torre sul fica para lá! — berrou Prescott ao vento, apontando. Ele tremia da cabeça aos pés. — Dê a volta pela casa de máquinas e passe pela terceira garagem. Quando chegar ao muro, vire à esquerda e siga por ele.

Charn assentiu. Garrick entregou-lhe o AGR-14 modificado que trazia consigo e bateu em seu ombro com tanta força que quase o derrubou. — Boa sorte!

— Não se esqueçam de selar de novo as portas quando eu estiver fora — disse Charn.

Garrick sorriu com o canto da boca, já segurando uma tocha de plasma. — Não precisa nem se preocupar.

Seus companheiros desapareceram. Charn virou o corpo na direção do vento inclemente, xingando-o por soprar contra ele, e não a favor. Passo a passo, ele venceu a dificuldade, protegendo os olhos com uma das mãos e equilibrando-se com a outra.

Para chegar à casa de máquinas, era preciso cruzar a vastidão do pátio deserto. Seria a pior parte da jornada; sem construções ao redor, o vento parecia duas vezes mais forte, cinco vezes mais frio. Charn o sentia fluir pelo corpo como um líquido, correndo sobre a face exposta, pelo pescoço, descendo rumo ao peito. As mãos logo ficaram paralisadas na mesma posição, dedos hirtos em um tortuoso cumprimento, tentando proteger os olhos do vento.

E, mesmo assim, ele seguia em frente. Um passo de cada vez. Logo Charn percebeu que cruzara metade do pátio gélido. Olhar em volta era como estar no limbo. Às suas costas, mal era possível divisar a silhueta da casamata cravada no solo. Adiante, a casa de máquinas parecia estar a quilômetros de distância. Abaixo, nada além de gelo enegrecido e, sob ele, o asfalto congelado.

Charn segurou com firmeza o AGR-14 e continuou caminhando. Foram necessários cerca de dez minutos para cruzar o pátio, mais dois ou três para contornar a casa de máquinas. Ele encontrou as garagens mencionadas por Prescott e começou a caminhar na direção delas, até que percebeu que a segunda estava aberta.

Estava torcendo para encontrar uma entrada coberta na qual pudesse parar um pouco e devolver o sangue às extremidades, mas aquilo era ainda melhor. Charn claudicou rumo à bocarra escancarada da garagem escura, endireitando-se ao sair da ventania.

Era difícil acreditar que poucos meses antes aquele mesmo posto estava ativo. Olhando em volta, Charn tentava imaginar as centenas de pessoas atarefadas nos muros. Elas manobravam o maquinário, operavam as defesas, cuidavam das estruturas. Dormiam no quartel, comiam no refeitório, mantinham o zumbido dos geradores.

Mas tudo isso antes da chegada dos zergs. Antes de o Enxame vir destruir tudo. Enquanto flexionava as mãos e os dedos, ocorreu a Charn que esse tipo de coisa acontecia demais.

Então, no canto da garagem, algo se moveu.

O movimento começou sutil, quase imperceptível. Quando seus olhos se ajustaram à falta de claridade, contudo, Charn começou a divisar alguns detalhes. Sombras começaram a se mover ao redor da figura, denunciando seu tamanho e posição. Quando percebeu o que era, Charn já havia apontado a arma e começado a atirar.

Brilhos luminosos irromperam da ponta do rifle, iluminando a sala ao ritmo insano de vinte e oito clarões por segundo. O zergnídeo explodiu instantaneamente em uma chuva de sangue e cartilagem, guinchando com ferocidade ao morrer. Charn assistiu à dança espasmódica do cadáver, estraçalhado pela munição de ponta oca disparada pela arma. Só foi parar de atirar bem depois do necessário.

*Zergs. Aqui.* Um arrepio percorreu a espinha de Charn, que sentia o corpo tomado pelo calor do combate súbito. O rifle gaussiano em suas mãos era bom e cálido. Parecia pesado, vivo,

como se implorasse para Charn manter o gatilho puxado. A arma falava com ele — ou talvez seu corpo apenas quisesse um pouco mais de calor para aquecer as mãos e os dedos.

Charn acendeu a lanterna da arma para iluminar o que restava do inimigo. Havia pedaços de carapaça espalhados por toda a garagem; sangue, muco e só Deus sabe o que mais cobria as paredes laterais e a do fundo.

O soldado se aproximou com curiosidade, cutucando o que restava do zergnídeo destroçado. Ele se surpreendeu com o tamanho diminuto que a criatura aparentava ter agora. Parecia tão inofensiva. Charn ficou parado se perguntando como uma coisa daquelas conseguia ser tão perigosa, como era possível haver histórias tão horríveis sobre algo tão minúsculo e insignificante.

Foi então que o segundo e o terceiro zergnídeo o abalroaram pelas costas.

Ironicamente, foi a velocidade dos monstros que o salvou. O impacto dos zergnídeos lançou Charn para a frente com violência, atirando o rifle gaussiano para longe e o recruta no chão. Os dois agressores deslizaram ainda mais longe, as garras e lâminas braquiais estalando ruidosamente contra o piso escorregadio da garagem enquanto os monstros patinavam de lado rumo à parede do fundo.

Um dos zergnídeos se chocou violentamente contra a parede. Levantando-se de um pulo, Charn percebeu que ele estava atordoado. A criatura tentava firmar as patas no chão congelado, enquanto uma de suas asas estilhaçadas dependurava-se em um ângulo estúrdio. Hipnotizado, o recruta assistia à luta do zergnídeo. Charn sentia os olhos encolerizados o consumir, olhos que reluziam feito brasa na escuridão.

O outro zergnídeo estaria de pé e iria atrás dele antes que pudesse alcançar a arma. Em vez de tentar, Charn preparou um chute na parte mais volumosa do tórax segmentado do inseto. Por sorte, o golpe atingiu o monstro no momento em que saltava, pouco antes de as duas garras falciformes se unirem com precisão mortal exatamente onde sua cabeça estaria.

O soldado mergulhou para apanhar a arma enquanto o zergnídeo se recuperava. Charn apontou o rifle e disparou duas saraivadas curtas sem olhar; no mesmo instante, a criatura saltou detrás de uma pilha de escombros enegrecidos. Sem saber se atingira o alvo, Charn continuou atirando nos escombros, levantando nuvens de poeira, fumaça e estilhaços de metal.

De repente, ele se lembrou de que havia outro adversário. Ao girar para a direita, o soldado notou que o primeiro zergnídeo já desaparecera. Recuando lentamente rumo à porta da garagem, Charn esquadrinhou a área em busca daqueles olhos. Em meio à escuridão e à fumaça, eles denunciariam a posição do inimigo. Era o que lhe haviam ensinado.

O vento o acometeu no instante em que pisou do lado de fora. Agora impossivelmente brilhante, o luar derramava-se sobre tudo, em flagrante contraste com as sombras da garagem. Charn atirou ao acaso na direção da porta por alguns instantes, garantindo preciosos segundos na tentativa de se afastar o máximo possível. Ele recuava enquanto ia disparando rajada após rajada, buscando desesperadamente o que fazer em seguida.

Ele olhou para baixo por um segundo. O mostrador no pente do rifle dizia 60. Quando ergueu os olhos, a criatura que se escondera nos destroços já cruzava a porta para cravar as mandíbulas afiadas como navalhas em seu braço. Charn sentiu o ataque antes de vê-lo.

Atirando descontroladamente, o soldado comprimiu o cano da arma contra o corpo do zergnídeo. Os cinquenta e cinco disparos que lhe restavam estraçalharam o monstro como se ele fosse feito de papel, dividindo-o em dois. O último tiro ecoou ruidosamente nas paredes da base deserta, reverberando seis ou oito vezes antes de o silêncio prevalecer.

O sangue escorria profusamente pelo antebraço de Charn, descendo pelos dedos de sua mão esquerda. No ombro, a carne estava em farrapos. A ferida queimava como se um potente veneno o dominasse. O recruta soltou o rifle, que agora exibia dois zeros e emitia um alerta sonoro. Virando-se, ele passou correndo pela terceira garagem e começou a procurar o muro.

Não demorou a encontrá-lo. Era um muro imenso — doze metros de altura — incrivelmente espesso. No topo, havia plataformas onde antes ficavam torres de artilharia. Agora, apenas fios dependuravam-se de buracos vazios, dançando selvagememente para frente e para trás a cada rajada de vento.

Charn parou um instante para soltar o peitoral e removê-lo. Dobrada e retorcida, a armadura comprimia dolorosamente seu pescoço a cada passo. Sem o rifle e a armadura, ele se sentia nu, mas incomensuravelmente mais leve. Virou-se para o sul e apertou o passo.

Noventa metros adiante, ele parou. Havia um buraco no muro com duas vezes o tamanho de um caminhão grande. O aço ao redor da perfuração derretera de fora para dentro, cobrindo grande parte do chão com poças de escória endurecida. Poderia muito bem se tratar de uma bomba incendiária, mas nenhuma era tão grande assim.

Cada gota de autopreservação gritava para que ele continuasse andando. Charn já podia ver a torre, erguendo-se fantasmagoricamente ao longe. Não deixou de perceber a ironia. A risada nervosa que soltou serviu mais para assustá-lo do que para aliviar a tensão.

Charn estava a meio caminho da torre quando o instinto o fez se virar. Algo corria ao longo da parede com uma velocidade inacreditável.

O zergnídeo com a asa quebrada vinha atrás dele.

Seus pés batiam pesadamente no asfalto frio enquanto Charn corria. A torre era sua única salvação. Só tinha uma chance de sobrepujar a criatura, e não havia tempo para calcular se era ou não possível.

Surpreendentemente, ele transpirava. Ele estava resfriado, congelando, sangrando... e sentia mais calor do que nunca. A camisa de Charn estava encharcada de sangue e suor, e seus pulmões ardiavam selvagememente quando aspirava o ar gélido. A torre assomou diante dele, uma lança delgada de metal cravada no céu com violência.

Ele chegou ao elevador muito antes da criatura e esmurrou o grande botão amarelo. Nada aconteceu. O coração de Charn ficou apertado no mesmo instante. Deu outro soco, com ainda mais força, e aí percebeu que ele nunca iria funcionar.

O complexo estava usando a alimentação auxiliar — apenas sistemas de suporte vital e iluminação de emergência. Ele já sabia, claro, tendo passado a semana anterior na casamata. No calor do momento, o detalhe lhe escapara.

Charn podia ouvir o zergnídeo guinchar enquanto corria. O som o aterrorizava mais que a visão; o guincho inumano da criatura superou a ventania aos poucos, elevando-se em altura

e volume à medida que ela se aproximava. Ele acabaria chegando ao seu rosto, junto de seu ouvido. O som o enlouqueceria por completo... logo antes de as mandíbulas se fecharem ao redor de sua garganta.

Havia uma escada de serviço. Degraus de metal estendiam-se até o topo, parafusados do outro lado da torre. Charn correu a toda velocidade em sua direção sem ousar olhar para trás. Estendeu a mão para alcançar o degrau mais alto que pudesse e escalou para se salvar.

Quando seus dois pés estavam apoiados na parte mais baixa da escada, um dos apêndices-garra do zernídeo varou sua perna, uma âncora implacável que mordida mais fundo à medida que Charn lutava para soltar-se. Um chute com a outra perna acertou apenas o ar. Mais abaixo, o guinchado estridente pareceu mudar de fúria para triunfo.

O zernídeo esfaqueou a perna de Charn. A dor era excruciante. Os membros lamelíferos da criatura agitavam-se para a frente e para trás, manchando a base da torre com fitas de sangue. Charn gritava por entre os dentes rilhados, puxando o corpo para cima com toda a força. Um dos joelhos estalou, mas ele continuava a subir.

Com um poderoso empurrão, a criatura bateu o corpo de Charn na torre de aço frio. O barulho alto de metal contra metal ecoou vivamente, penetrando a nuvem de dor em um momento de clareza súbita e formidável.

*O ferrão.*

Com a mão trêmula, o recruta esticou o braço e sacou a arma reserva. O C-7 se agitou incontrolavelmente quando Charn apontou-o para baixo. Ele puxou o gatilho. Puxou-o repetidas vezes, ignorando os guinchados inumanos e estridentes que se seguiam. Os sons

penetraram seu crânio e ameaçaram enlouquecê-lo, mas o jovem continuou puxando o gatilho até ouvir apenas cliques vazios.

Ao abrir os olhos, olhou para baixo. A pistola de cravos pregara o zergnídeo no chão congelado em mais de dez pontos. O corpo retorcido lutava em vão para se libertar, mas estava alquebrado e despedaçado.

Charn desceu um degrau. Virou a coronha da pistola na direção da cabeça da criatura e espancou-a. Depois, lentamente começou a difícil escalada de 18 metros por uma das faces da torre.

\* \* \*

Por dentro, a torre estava agradavelmente morna. Duas fornalhas aqueciam o lugar, e Charn encontrou as duas funcionando a todo vapor quando adentrou as câmaras superiores.

A escotilha pela qual passara fora arrombada, provavelmente pelo fantasma. Era bom sinal. Com isso e o aquecimento ligado, Charn se sentiu otimista.

Ele foi para a plataforma de observação, e o que viu imediatamente o deixou sem fôlego. Uma grande parede de plástiaço fornecia uma visão livre em quase todas as direções. Duas luas brancas pairavam baixo no leste, iluminando uma paisagem devastada. Era belo e desolador, bonito e solitário ao mesmo tempo.

Charn viu o próprio reflexo no vidro. Ele estava coberto de imundície e sangue da cabeça aos pés. Seu ombro estava terrivelmente inchado, e os ferimentos na perna pareciam ainda piores. Ele se perguntou se Garrick ainda o consideraria um cabaço.

Uma figura humana estava postada em uma das pontas da janela. Estava parcialmente coberta pelas sombras, de cabeça inclinada para observar o lado de fora. Era o fantasma. Como estava absolutamente imóvel, Charn pensou por um instante que talvez estivesse mesmo morto.

A cabeça do fantasma se mexeu. Ele se virou para encarar Charn como se o avaliasse. Charn não conseguia ver o rosto do homem; os olhos robóticos da máscara brilhavam vazios. Era perturbador.

Com o mesmo vagar, o fantasma voltou a cabeça para a paisagem enluarada. Ele não disse nada.

— Ei — disse Charn, tirando o capacete. — Ei! O que diabos está acontecendo? Por que perdemos contato?

O fantasma continuou imóvel, de braços dobrados, observando a escuridão. Charn esperou meio minuto por uma resposta, então reuniu coragem e deu um passo adiante.

— Estamos cansados de apodrecer naquela casamata — disse, dessa vez com mais assertividade. Depois da provação lá fora, isso não era nada. Seu medo se esvaía rapidamente, dando lugar à raiva.

— É hora de ir. Convoque a evacuação. O Enxame não vai...

Alguma coisa bem longe chamou a atenção de Charn. Sem perceber, ele deu mais dois passos na direção da janela de plástiaço. Viu algo lá embaixo, bem além dos muros do complexo.

— Nós, hum...

As palavras do soldado ficaram presas na garganta. Algo se movia no horizonte. Algo se agitava. Como um enxame.

— O Enxame! — berrou Charn, assombrado. — Lá está ele!

Havia centenas, milhares de zergs reunidos a uma boa distância do muro externo. Eles não avançavam, mas Charn podia ver que fervilhavam de agitação. Ele divisou colônias inteiras de zergnídeos e insetos ainda maiores entre eles. Acima, no céu, ele viu mutaliscas mergulha e adejar em círculos lentos e preguiçosos.

O fantasma não disse nada.

Charn se aproximou da janela. — Vai! É agora! Convoque o ataque nuclear agora mesmo e pegaremos todos de uma vez!

Assustadoramente, automaticamente, o fantasma proferiu apenas uma sentença:

— *Já foi feito.*

Os olhos de Charn se fecharam. Foi tomado por alívio em uma onda eufórica. Enfim o ataque. Enfim poderiam ir para casa. Respirou fundo, removendo suor e cabelo do rosto. Ao longe, pensou ouvir os motores das naves a caminho.

Estava tudo bem. Tudo, menos o ponto vermelho no chão.

O fantasma estendeu a mão e tirou o equipamento da cabeça, revelando olhos esbranquiçados, vidrados, sem vida. Ele se lançou para a frente com um movimento

mecânico, e foi então que Charn viu os tentáculos verdes que saíam da espinha do homem e agarravam seu pescoço e sua cabeça... tentáculos pertencentes ao parasita neural que agora controlava todas as ações do fantasma.

— *Já foi feito* — repetiu o fantasma, mas sem mexer os lábios. Em vez disso, os músculos em volta de sua boca se contorceram em um sorriso. O sorriso doentio e aterrador de algo que jamais soubera o que era sorrir.

O fantasma deu um passo para trás na direção das sombras. A última coisa que Charn viu foi o brilho perspicuo de um dispositivo de camuflagem ser ativado.

Sua boca se abriu, e todo o sangue foi instantaneamente drenado do corpo.

O ponto vermelho piscou no chão, e os motores rugiram cada vez mais alto.